

Educação ambiental no Rincão Gaia: pelas trilhas da saúde e da religiosidade numa paisagem ecológica

Environmental education in Rincão Gaia: through the health and religion trails in a ecological landscape

CARLOS ALBERTO STEIL*
ISABEL CRISTINA DE MOURA CARVALHO**
ERICA ONZI PASTORI***



RESUMO – Este trabalho investiga relações entre ecologia, religião e saúde, a partir de uma etnografia fenomenológica, que encontra em Merleau-Ponty, Thomas Csordas e Tim Ingold suas principais referências teórico-metodológicas. O lugar desta etnografia foi o Rincão Gaia, a sede rural da Fundação Gaia, ONG fundada pelo ecologista José Lutzenberger. Localizado em Pantano Grande, a 120 km de Porto Alegre, o Rincão Gaia é o lugar onde acontecem trilhas educativas, cursos de educação ambiental, oficinas ligadas à temática ecológica e atividades de ecoturismo. O artigo toma o Rincão Gaia como uma paisagem que articula aprendizagens ambientais com experiências de religiosidade, saúde e cura.

Descritores – Ecologia; religiosidade; saúde; paisagem; corpo.

ABSTRACT – This paper focus the relationship among ecology, religion, and health based on a phenomenological ethnography. Merleau-Ponty, Thomas Csordas and Tim Ingold are the main authors for the theoretical and methodological references. The place of this ethnography was the *Rincão Gaia*, the rural place of Gaia Foundation, an NGO founded by the environmentalist José Lutzenberger. Located in Pantano Grande, 120 km from Porto Alegre (RS), the *Rincão Gaia* is the local where occur educational trails, environmental education, workshops related to the ecological theme and touristic activities. The article takes the *Rincão Gaia* as a landscape that combines environmental learning with experiences of religion, health and healing.

Keywords – Ecology; religion; health; landscape; body.

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro.

JOSÉ SARAMAGO

INTRODUÇÃO

O Rincão Gaia, sede rural da Fundação Gaia, apresenta-se como uma paisagem particularmente propícia à observação dos entrecruzamentos entre ecologia, religião e saúde. A escolha do nome Gaia, por seu fundador, José Lutzenberger, já nos remete a uma das referências fundantes do movimento ecológico contemporâneo, a

hipótese Gaia, de James Lovelock, a qual aproxima a mística ecológica das ciências da terra.¹ Da mesma forma, o entrelaçamento da ecologia com a saúde, no Rincão Gaia, aparece associado ao lugar desde sua constituição, como um contínuo processo de *restauração ambiental*. Uma área inóspita, que, após sua utilização intensiva como pedreira, foi abandonada na condição de terreno exaurido em termos geológico e paisagístico.

* Doutor em Antropologia, professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS.

** Psicóloga, doutora em educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS.

*** Centista Social pela UFRGS.

Artigo recebido em junho e aprovado em agosto de 2009.

A partir da observação participante e de entrevistas com profissionais da Fundação e participantes em atividades de sensibilização e educação ambiental, foi realizada uma pesquisa etnográfica no Rincão Gaia durante um ano e meio, entre 2008 e 2009, como um recorte do projeto mais abrangente de pesquisa “O Cultivo de si nas paisagens da ecologia e do sagrado”.² Assim, no campo empírico, acompanhamos os indivíduos e grupos que freqüentaram o Rincão Gaia, observando as múltiplas formas pelas quais estes associam a ecologia à religiosidade, o conhecimento à experiência corporal, o *self* ao ambiente, o interno ao externo e a mente ao corpo. Em termos teóricos, buscamos dialogar com o paradigma da corporeidade, de Thomas Csordas, num intento de avançar para uma abordagem ecológica, articulando o conceito de corpo com o de *carne do mundo* – presente na obra póstuma de Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível* – o que nos permitiu formular a noção de paisagem em consonância com a de *corporeidade* como o *solo existencial da cultura* (CARVALHO e STEIL, 2008).

Este deslocamento do corpo para a paisagem se expressa em muitos momentos empíricos e em relatos que apontam para a experiência de comunhão entre o corpo humano dos participantes das atividades e o corpo do mundo, entre o humano sensiente e o mundo sensível, retratados de forma exemplar na paisagem restaurada do Rincão Gaia. Enfatizamos, assim, a noção de paisagem como uma totalidade dentro da qual todos os seres sensíveis estão inseridos, inclusive o corpo humano, embora este se destaque por seu *estatuto ôntico*, uma vez que se apresenta, ao mesmo tempo, como sujeito que percebe e é percebido. Como afirma Merleau-Ponty, a percepção está no início da constituição dos sujeitos que se percebem como objetos entre outros objetos, operando, assim, uma inflexão no interior da fenomenologia que estivera até então restrita à consciência.

À contribuição de Csordas e Merleau-Ponty, acrescentamos a de Tim Ingold (2000), destacando o seu conceito de paisagem, que, partindo da fenomenologia de Martin Heidegger, propõe uma antropologia ecológica, fundada sobre a percepção. Sua perspectiva teórica re-equaciona a dicotomia natureza/cultura, introduzindo os conceitos de *taskscape* e paisagem. “*Task* é definida como qualquer operação prática efetuada por um agente habilidoso em um ambiente, como parte de sua atividade normal de vida. Em outras palavras, *tarefas* são os atos constitutivos do habitar” (INGOLD, 2000, p. 195), e o conjunto de tarefas, em seu mútuo entrelaçamento, é a *taskscape*. Já a paisagem, “como um todo, deve ser entendida como a *taskscape* em sua forma incorporada: um padrão de atividades ‘colapsada’ em um arranjo de características” (INGOLD, 2000, p. 198).

A paisagem nem é idêntica à natureza, nem está no lado da humanidade contra a natureza. Enquanto o domínio familiar de nossa habitação, ela está *conosco*, não *contra* nós, mas não é menos real por isso. E por vivermos nela, a paisagem torna-se uma parte nossa, da mesma forma que somos parte dela (INGOLD, 2000, p. 191).

É importante ressaltar, neste sentido, que a paisagem em Ingold tem uma temporalidade própria e é gerada por um processo de incorporação na materialidade do ambiente às práticas de agentes – humanos e não-humanos – dotados de habilidades. Desta maneira, Ingold nos permite perceber a fluidez da paisagem e, ao mesmo tempo, sua cristalização. Assim, baseados nos aportes epistemológicos e teóricos destes autores, procuramos compreender neste texto as experiências dos sujeitos que encontram no Rincão Gaia um lugar privilegiado de acesso e reforço de suas crenças ecológicas e uma resposta ao seu “mal-estar civilizacional” urbano, que encontra na idealização de uma vida natural o seu ponto de fuga e de crítica ao *status quo*.

1 O RINCÃO GAIA E A PAISAGEM ECOLÓGICA COMO CURA DA TERRA

Em Pantano Grande, a 120km da capital do estado do Rio Grande do Sul, localiza-se o Rincão Gaia, sede rural da ONG Fundação Gaia, criada no ano de 1987 pelo engenheiro agrônomo e ambientalista José Lutzenberger. Pensada como um lugar exemplar de recuperação e cuidado com o ambiente, o Rincão se apresenta hoje como um espaço educativo singular que associa a experiência de imersão de sujeitos ecologicamente orientados com programas de cursos de aperfeiçoamento para produção e consumo de alimentos agro-ecológicos. Ao longo do ano, passam pelo Rincão pequenos grupos que encontram nos cursos que são oferecidos no local uma importante fonte de conhecimento e de reformulação de hábitos e estilos de vida. Como em muitos outros espaços que temos pesquisado, o Rincão se apresenta como um local que acolhe grupos que se formam em torno de temas específicos e lideranças ecológicas reconhecidas, com a finalidade de um aprimoramento de conhecimentos e vivências que articulam preocupações ambientais com exercícios de aperfeiçoamento pessoal e *espiritualidades do self*. Assim, para além de uma denominação técnica, como a *sede rural* da Fundação, ou poética, como *paraíso ecológico*, o Rincão que observamos se apresenta, sobretudo, como uma paisagem educativa, que, ao inserir os seres humanos num ambiente de harmonia e convivência pacífica com um meio físico, se apresenta com uma agência e força transformadora que transcende a intencionalidade humana.

Rincão Gaia – sede rural da Fundação Gaia – é pura magia e inspiração.

Lá você conhecerá o fascinante resultado da sensibilidade, sabedoria e dedicação do ecologista José Lutzenberger que transformou uma área inóspita em um lugar, onde o esplendor da biodiversidade e seus ciclos são aliados naturais da produção orgânica de alimentos, pecuária natural, bioarquitetura e harmonia estética para uma vida sustentável. (Cartão de divulgação, impresso em papel reciclado, do Rincão Gaia disponível no Armazém dentro da Casa Comunal).

Esta força presente na paisagem do Rincão Gaia, como centro exemplar, é evocada com frequência pelos agentes educacionais que organizam atividades no local. Está ali, à mão, o testemunho de um processo de regeneração de uma área degradada, ambientalmente destruída pela extração de basalto — cujo destino foi a construção de uma grande rodovia — para demonstrar que a degradação do planeta pode encontrar um destino regenerador. Como dizia Ana Luiza, bióloga e monitora do *Curso de Ervas Medicinais e Aromáticas*, na abertura do curso:

“interessante é vocês terem em mente que esse lugar aqui foi um local que sofreu muito com a degradação de pedreiras e, portanto, toda a paisagem que enxergamos, tudo que tem aqui hoje, de ornamentais, de medicinais, de pomares, de horta, não existia em 1987. Foi fruto de um processo que a gente chama hoje, em 2008, de *restauração ambiental*: ele restabeleceu a vida do Rincão” (Ana Luiza).

Essa agência da paisagem é um importante sentido que torna a Fundação Gaia um lugar privilegiado para a realização de cursos de educação ambiental e de oficinas temáticas que envolvem a expectativa de restauração ambiental. O Rincão, ao mesmo tempo em que é uma obra com nuances espetaculares atribuída à sensibilidade *sui generis* de seu fundador, é uma obra inacabada que contém uma abertura para sua transformação levada a cabo por novos agentes. Esta sensibilidade do fundador, incorporada na paisagem, é reiterada nas atividades educativas por meio da associação do Rincão com Gaia. De modo que ele é frequentemente percebido como a materialização ou um *exercício experimental* da hipótese Gaia, de James Lovelock. Os deslocamentos da hipótese Gaia para o Rincão, e vice-versa, são recorrentes nas falas de nossos interlocutores. Assim, se a hipótese Gaia, em linguagem metafórica, permite compreender o Rincão, este, por sua vez, é utilizado como metáfora da possibilidade da *cura de Gaia*. Continuando a sua narrativa, Ana Luiza lembra a seus alunos que Lutzenberger, ao recuperar a área inóspita do Rincão, foi um pioneiro no cuidado da ferida em Gaia, e, depois dele, todos são conclamados a dedicarem-se à mesma tarefa.

“O Lutz costumava dizer que o Rincão era uma grande ferida na superfície da Terra, e quando a gente tem uma ferida o que a gente faz? A gente tem que tratar, passar um mertiolate, passar um antiinflamatório para que essa ferida se recupere. Então o que ele fez aqui, nessa ferida? Ele tratou, cuidou dessa ferida, não é? Ele curou essa ferida e então isso aqui se restabeleceu, a gente tem um ambiente completamente saudável de novo. Eu gosto de fazer um pouco essa analogia para ilustrar o significado de Gaia”. (Ana Luiza)

A questão do cuidado se apresenta como um conceito central no discurso reiterado nas atividades de educação no Rincão, que se apresenta como a utopia realizada de um planeta a ser recuperado de suas feridas e suas dores. Lutzenberger ocupa, assim, a posição exemplar de mediador e salvador do planeta, e é apresentado aos sujeitos em busca de orientação ecológica como um precursor a ser seguido. Embora tenha sido um cético em termos religiosos, a linguagem que será usada para definir seu papel na economia ecológica de restauração e cuidado com o ambiente será eminentemente religiosa. Assim, Lutzenberger acaba sendo depositário de atributos que, geralmente, são dispensados a líderes religiosos. À revelia de sua posição intransigente de defesa da ciência em contraposição à crença, sua morte o consagra, conferindo-lhe um sentido de exemplaridade e uma aura sagrada.³

2 AS TRILHAS INTERPRETATIVAS: APRENDENDO A VER E DISPOR A ATENÇÃO PARA O ESPAÇO E O TEMPO DA PAISAGEM

As atividades de educação ambiental e as vivências realizadas no Rincão Gaia, geralmente, incluem uma trilha pelos lugares que demarcam sua exemplaridade em termos da recuperação das vicissitudes de uma paisagem recriada pela ação humana em associação com a força e o agenciamento da natureza. As trilhas são constituídas pelo movimento de corpos humanos se deslocando pelos caminhos traçados no espaço e pelas narrativas dos monitores, que preenchem com sentidos humanos os silêncios da paisagem. Aquém dos objetivos específicos dos cursos e das vivências ministradas – culinária, saúde, ervas medicinais etc. – há um enredo na paisagem do Rincão Gaia que acaba modelando a sensibilidade e a apreensão dos ideais e valores de ecológicos, que são incorporadas pelo engajamento dos participantes na paisagem envolvente.

As trilhas interpretativas são práticas bastante conhecidas e utilizadas no contexto da educação ambiental (CARVALHO, 2003).⁴ Elas conectam a experiência de imersão no ambiente com as crenças e aspirações que as pessoas trazem para o ambiente. Um processo de aprendizagem que encontra no corpo e na

paisagem circundante o seu solo privilegiado. No caso do Rincão Gaia, as trilhas entrelaçam as experiências dos participantes dos cursos com a história do seu fundador e do próprio narrador. Elas são um recurso privilegiado, por meio do qual a atividade pedagógica dos educadores ambientais torna plausível o ideário ambiental de recuperação e preservação de espaços degradados pela ação inconseqüente dos seres humanos. A imersão nessa paisagem propicia uma experiência sensorial com o lugar, estabelecendo uma comunhão entre os corpos, as árvores, as ervas medicinais e aromáticas, as flores, os animais, as casas e os lagos. Cria-se, assim, uma certa continuidade entre os corpos humanos e a paisagem que os abarca numa totalidade que é narrada por meio das múltiplas histórias do local, contadas pelos educadores e endossadas pelos depoimentos dos visitantes.

Há, portanto, nestas narrativas uma pedagogia que é reiterada nos vários cursos e oficinas oferecidos no Rincão. Esta modalidade pedagógica nos remete ao que Ingold chama de “educação da atenção” (INGOLD, 2004). Neste caso, uma educação que busca desenvolver nos participantes dos cursos e oficinas uma sensibilidade que procura conectar a paisagem com a ação dos artífices da regeneração e preservação do ambiente, cuja exemplaridade é encontrada no fundador do Rincão Gaia. Tomando como referência as atividades que acompanhamos no decorrer da pesquisa de campo, podemos observar este entrelaçamento entre a paisagem, o tema de reflexão proposto e a história de vida de Lutzenberger.

Assim, no curso *Educação Ambiental para a Cultura da Paz*, que tinha como tema central a permacultura,⁵ a trilha interpretativa, ao mesmo tempo em que introduz os participantes no mundo das espécies vegetais que crescem num ambiente permacultural, narra as ações pioneiras de Lutzenberger na implantação deste método de cultivo no Rincão. Já no curso *Arte e Ecologia*, as narrativas, ao mesmo tempo em que destacam a obra paisagística e arquitetural do lugar também chamam a atenção para a sensibilidade artística do seu criador, que deve inspirar outras obras ecológicas. Na *oficina de ervas medicinais e aromáticas*, o motivo condutor das trilhas era a constituição de um conhecimento taxonômico para o reconhecimento das ervas, numa evocação constante ao espírito científico de Lutzenberger como agrônomo. Em *Aprendendo com a Natureza*, a ênfase voltou-se à ação dos ciclos biológicos e à recuperação do ambiente, que encontram sua concretização laboratorial no próprio processo de regeneração do solo no Rincão Gaia, antecipado por Lutzenberger no momento em que recebeu este terreno exaurido e aparentemente improdutivo. Enfim, há uma dimensão indizível na experiência da paisagem, que é vivida pelos sentidos e é compartilhada

pela experiência das narrativas, as quais nos contam a jornada pela qual esta paisagem transformou-se nos lagos, nas ninfeias, na arquitetura dos prédios, nas azaléias, nos cactos, nos fornos de barro, nas plantas de boldo, nas flores do maracujá e no florido espinilho.

3 OS LUGARES NA PAISAGEM E AS MÚLTIPLAS FORMAS DE HABITAR O MUNDO

A varanda da Casa Comunal é o ponto de partida das trilhas. Em frente à imponente construção, imitando uma oca indígena, coberta de capim santa-fé, o pequeno grupo dos participantes dos cursos e oficinas se prepara para iniciar sua perambulação pelo Rincão Gaia. Vestimos nossos chapéus para a proteção solar, embalados pelas conversas entre nós e as orientações dos educadores. A primeira parada é o *sombrite de plantas carnívoras*, onde somos apresentados a esta espécie híbrida, que, de certa forma, inverte uma suposta “ordem natural” do planeta, em que às plantas caberia dar-se em alimento, e aos insetos e mamíferos sorver-lhes a vida. Esta inversão de funções entre as plantas e os insetos não apenas fascinou o fundador do Rincão Gaia, que lhe conferiu um lugar de destaque na paisagem local, mas continua, ainda hoje, a atrair a atenção dos visitantes. Segundo o monitor Marcos, este *lugar das carnívoras*, designado como *sombrite*, foi inicialmente um presente que Lutzenberger ganhou de um amigo.

“O Xico Stockinger, que é um grande colecionador de plantas carnívoras, presenteou o Lutz com alguns exemplares, porque sabia que o Lutz gostava. Assim, elas foram se multiplicando porque o Lutz foi conhecendo e conseguiu interagir de forma bastante intensa com essas plantas. (...) é um dos ambientes que ele mais gostava de ficar e se dedicar”.

A partir destes pontos de interesse no espaço, onde marcadores como as plantas carnívoras ocupam um lugar privilegiado, os educadores ambientais vão apontando as *pegadas* de seu fundador na trilha que fazemos hoje. Aos poucos são indexados na paisagem nomes e feitos de pessoas que transcendem o lugar e nos remetem para a história do movimento ambiental no Rio Grande do Sul, entrelaçando a atividade ali desenvolvida com um processo mais abrangente de luta pela preservação ambiental que se inscreve neste lugar. O Rincão Gaia se torna, assim, o lugar habitado por uma memória que preserva na paisagem a continuidade de um tempo fugidioso. Mas, se lugares estão lá em sua inteireza material, visível, tátil, a sua apreensão subjetiva passa pelo ato de contar histórias, de tecer com a imaginação o horizonte onde somos chamados a habitar e projetar nossa ação.

A narrativa humana, no entanto, é contrastada tanto com o silêncio das plantas, do lago, dos lugares ermos

quanto com os sons dos pássaros, dos insetos, das águas correntes, que chamam a atenção para outras formas de habitar e apreender o mundo, que transcendem a dimensão dos significados e do narrado. Esta diversidade de existir, por sua vez, nos convoca ao cuidado em relação aos outros seres que habitam o ambiente, visíveis e invisíveis. Este cuidado, nos lembram os educadores ambientais, encontrou em Lutzenberger um apreço especial, expresso na diversidade de que se compõe a paisagem do Rincão Gaia. O cuidado requerido é muito mais o do respeito com os processos e movimentos de cada um dos seres, do que o da intervenção humana no seu curso natural. É a agência dos seres, da natureza, do solo que é evocada nos ditos do presente e na imaginação do passado, deixando em segundo plano a ação humana coadjuvante.

A espiral de ervas, por exemplo, é uma *técnica* que, segundo os educadores ambientais, segue o ritmo da natureza, no caso, a forma em espiral, que utiliza menos espaço do que os canteiros retangulares. Além desta economia de espaço, ela possui a capacidade de criação de microclimas no decorrer dos contornos da espiral. Com mais sol em um dos lados e mais sombra noutro, é possível cultivar num mesmo canteiro ervas com diferentes exigências climáticas⁶. Como participantes do curso de permacultura, observamos um *canteiro de ervas medicinais e aromáticas*, na forma de espiral, ao lado do *sombrite* das carnívoras. Identificamos no canteiro, com a ajuda dos professores de educação ambiental, lavanda, hortelã, sálvia, malva cheirosa e uma porção de outras ervas com propriedades terapêuticas e produtoras de prazer.

Os lagos, como os demais elementos constitutivos da paisagem no Rincão Gaia, possuem, além de uma funcionalidade ecológica, que é sempre comentada pelos professores nas trilhas, *funções estéticas*, ressaltadas no módulo de *Arte e Ecologia*. Contornando o lago, as azaléias rosas, brancas e alaranjadas foram presenças permanentes todas as vezes em que estivemos no Rincão Gaia, variando apenas a quantidade de flores e a intensidade das cores. Os canteiros que existem ao longo das trilhas do Rincão são apresentadas como composições paisagísticas funcionais para problemas do ambiente. Quando a pedreira encerrou suas atividades de extração do basalto, muito lixo ficou no ambiente, numa época em que não havia tecnologia suficiente para a reciclagem. Marcos, ao conduzir a trilha, lembrava-nos que, para Lutzenberger, era fundamental que os problemas com que nos deparamos no ambiente devem ser solucionados por nós mesmos, evitando deixá-los para as gerações futuras. Assim, o lago se apresenta como uma solução estética para um problema ético gerado pelo acúmulo de lixo deixado no local.

Com esta preocupação ética e estética, Lutzenberger fez pequenas crateras no solo, onde pôs o entulho, e

as cobriu com terra e pedras, a fim de desenvolver um paisagismo composto por plantas de diferentes espécies que se alimentam de matéria orgânica em solo pedregoso. Assim, as cactáceas e as suculentas, que sobrevivem durante longos períodos de calor pela capacidade de armazenamento de grande quantidade de água⁷. Os canteiros são compostos por plantas nativas e também exóticas. A terra utilizada nesses canteiros é justamente a terra acidificada que a pedreira produziu, cujo solo é regenerado pela ação do tempo e das plantas na reciclagem desse solo e dos materiais deixados pela extração do basalto. A prática de canteiros é uma ação ecológica, elaborada a partir da idéia da reciclagem, com finalidade estética, na medida em que cria pequenas ilhas de grande beleza que envolve as pessoas nas trilhas interpretativas. Observamos as espécies que compõem esses canteiros de plantas incomuns e somos atraídos pela sua beleza, que conduz os visitantes a momentos de admiração e também de muitas fotografias.

A introdução de plantas exóticas no Rincão Gaia resultou de um cuidadoso estudo de Lutzenberger, atento às características da planta em questão e do ambiente, para discernir se tais espécies poderiam causar um desequilíbrio no ambiente pela competição com espécies nativas, sob o risco de se transformarem em espécies invasoras, ameaçando as nativas.

“Então aqui nós temos exemplos de embelezamento, de ajardinamento, plantas que se a gente encontrar de forma isolada no ambiente muitas vezes elas não chamam a nossa atenção, mas quando elas estão em conjunto elas formam ambientes de rara beleza. O Lutz, na época em que fez esses jardins, não se preocupava só com as plantas, ele deixou também algumas entradas, deixou algumas reentrâncias entre essas pedras porque ele pensava também futuramente em alguns ambientes para a fauna silvestre que pudesse vir se alojar e fazer ninhos. Então têm cobras que moram ali em baixo, roedores...” (Fala de Marcos durante trilha interpretativa)

Passados os lagos, que estabilizam a temperatura do ambiente e que controlam a proliferação de insetos e os canteiros criados para a reciclagem de materiais da pedreira, a trilha conduz o visitante às casas onde se hospedam estagiários e àquela onde Lutzenberger morava nos períodos em que passava no Rincão Gaia, quando vivo. Atualmente, esta casa é utilizada por suas filhas, Lara e Lilly, dirigentes da Fundação Gaia. É uma casa que não é aberta à visitação e, segundo o monitor Marcos, é muito simples, assim como o era Lutz. Ao lado das casas há outro lago de águas escuras, coberto por vegetação. Este lago é apresentado como uma matriz energética de grande importância para todo o sistema produtivo do Rincão Gaia. Ao referir-se a ele, Ana Luiza o denomina

de *Caldo Primordial*. Sua origem é uma pequena cratera produzida pela extração de basalto, que tem sua função redefinida na paisagem ecológica do Rincão Gaia como detentor de uma força vital que engloba todos os seres que habitam este lugar.

As outras crateras que surgiram da extração da pedreira são hoje reservatórios onde é armazenada a água para consumo de humanos e de não-humanos. São importante fonte de vida as plantas, os pássaros, os animais e os humanos que compõem, na expressão cunhada por Lutzenberger e muitas vezes repetida pelos educadores ambientais, uma *sinfonia orgânica da vida*. Alice nos explica que todas as construções no Rincão foram postas nas partes mais altas do terreno – Casa Comunal, casa do Lutzenberger, casa dos estagiários, mais à esquerda o chiqueiro dos porcos e, ao lado, o galinheiro. O planejamento do Rincão incluiu um manejo dos ciclos e fluxos da energia no terreno.

No tempo que o Lutzenberger estava vivo, aqui tinha uma produção animal bem grande de porcos, galinhas, gado leiteiro, então existia esterco em algumas áreas. Para cá ele direcionava algumas das águas que vinham da região da criação [...] e alimentavam as plantas aquáticas que precisam de bastante nutrientes para crescer e se desenvolver [...]. As plantas aquáticas na época eram retiradas e usadas na alimentação dos animais. Então, as plantas aquáticas e principalmente essa alvinha, que é essa marrequinha d'água, ia para a galinha, para o porco, eventualmente ia até para o gado.

No módulo de *Arte e Ecologia*, quando Marcos monitorou a trilha, contou-nos uma história de tensão e conflito entre Lutzenberger e a Secretaria da Saúde, desencadeada pelo manejo dos porcos. Membros da Secretaria da Saúde disseram, em visita ao Rincão, que o chiqueiro deveria ter chão de cimento, exigência que foi retrucada pelo ecologista, que defendeu sua postura ética em relação aos animais, os quais têm o direito de viver conforme suas características próprias. Atualmente, o Rincão não possui mais produção de porcos para venda, fazendo com que no lago a produção de aguapês exceda as necessidades para as quais se destina.

O lago que fornece a água para consumo das pessoas e dos animais é o maior lago em extensão na propriedade. Criado a partir de uma grande cratera deixada na paisagem pela extração de basalto, o lago ocupa uma área de dois hectares, com uma profundidade que varia de 7 a 15 metros. A trilha ladeia o lago, passando pelos fornos de carvão, onde é produzido material para a geração da energia no Rincão Gaia, e termina na “Oca”, a primeira construção do Rincão. O monitor nos conta que Fritjof Capra e Vandana Shiva estiveram no local por ocasião da I edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001.

“Essa aqui a gente chama de *Oca* e essa foi a primeira construção do Rincão. A gente faz atividades aqui também, várias inclusive. Isto aqui já foi cenário para o recebimento de visitantes ilustres que a gente teve, como a Vandana Shiva e o Fritjof Capra. Eles estiveram em atividades aqui internas”. (Marcos)

Em todo o percurso das trilhas interpretativas é enfatizada a superação do momento zero, em que o Rincão Gaia não existia e em seu lugar havia apenas os destroços de um processo de destruição e morte da natureza. A vida que emerge hoje na paisagem resulta de ideais, princípios e crenças ecológicas que se concretizaram no lugar por meio de práticas e ações humanas e não humanas ao longo de um período histórico de restauração ambiental. Mas a vitória parece fugidia, pois as forças da destruição do ambiente continuam ativas, demandando uma luta sem tréguas a ser levada em frente pelos novos ambientalistas que trilham os caminhos antes percorridos pelo fundador do Rincão Gaia e outros pioneiros do movimento ecológico. E, se o passado foi superado, o presente é apresentado como um desafio que se materializa na paisagem de monocultura de soja contígua ao Rincão Gaia. As trocas inevitáveis entre a biodiversidade praticada no Rincão Gaia e a cultura convencional das propriedades no seu entorno tornam vulneráveis as conquistas ecológicas e a reprodução do próprio Rincão Gaia, na medida em que este se torna refúgio de animais, insetos e outras formas de vida que são expulsas pela ação dos agrotóxicos e defensivos químicos aplicados à lavoura de soja. O equilíbrio interno do Rincão Gaia se encontraria, portanto, ameaçado por agentes externos, numa alusão a um processo mais amplo vivido pelo planeta como um todo.⁸

4 AFINAR-SE À SINFONIA DA EVOLUÇÃO ORGÂNICA: A TRANSCENDÊNCIA NO RINCÃO GAIA

A proximidade da ecologia à religião é um fenômeno constatado em diferentes contextos de pesquisa social. José Guilherme Cantor Magnani (1999), no estudo sobre o circuito neo-esotérico em São Paulo,⁹ aponta para a “interessante e polêmica interseção entre o universo do neo-esoterismo, a ecologia e os movimentos ambientalistas” (MAGNANI, p. 109). Se o neo-esoterismo é um terreno fértil para a ecologia, é verdadeira também a afirmação de que o ecologismo é um solo privilegiado para o desenvolvimento das novas espiritualidades:

O que parece significativo na dimensão religiosa do campo ambiental é certa expansão de uma religiosidade tradicional em direção ao que vem sendo chamado de *nova consciência religiosa* (Soares, 1994) ou, ainda, sendo compreendido através de uma outra noção, a do movimento *New Age* (Hellas, 1996; Amaral, 1998; Carozzi, 1999). (CARVALHO, 2001: 100).

No Rincão Gaia, como mencionamos acima, o seu fundador, embora avesso às práticas religiosas explícitas, vai ocupar um lugar central nos rituais ecológico-religiosos que são incorporados às atividades de educação ambiental. Se o Rincão é solo de religiosidade, contudo, não podemos deixar de indicar o impacto da negação do religioso por Lutzenberger. O seu ateísmo é um tópico recorrente nas narrativas dos educadores ambientais, contribuindo para a persistência do interesse pela religião neste lugar. Como nos lembra Roger Bastide (2006), “a morte de Deus não é necessariamente a morte do sagrado”. Se assim o é, podemos dizer que a negação da existência de um deus transcendente, por Lutzenberger, não eliminou o sagrado do seu horizonte existencial. Ao contrário, permitiu que os educadores ambientais preenchessem esta ausência de deus com novas formas de espiritualidade que operam no registro do paradigma da imanência. Este deslocamento da transcendência para a imanência vai localizar o sagrado na relação de harmonia com todos os seres que se sentem co-habitante de Gaia. É na teoria de Gaia que Lutzenberger encontra as metáforas e os conceitos para expressar “a mais profunda espiritualidade” de um ateu. Como ficou registrado na lápide, inscrita em sua sepultura:

A verdadeira, a mais profunda Espiritualidade, consiste em sentir-nos parte integrante desse maravilhoso e misterioso processo que caracteriza Gaia, nosso planeta vivo, a fantástica sinfonia da evolução orgânica que nos deu origem junto com milhões de outras espécies; é sentir-nos responsáveis por sua continuação e desdobramento. (Frase de Lutzenberger, inscrita em sua lápide).

O ponto alto de qualquer curso de educação ambiental, ministrado no Rincão Gaia, é a parada para reflexão e meditação junto à sepultura de Lutzenberger. Um espaço no bosque, com um conjunto de assentos de tocos de árvores, dispostos num semi-círculo, à sombra do pé de umbu,¹⁰ que foi plantado por ocasião de seu sepultamento, como o testemunho de sua presença na paisagem. A associação entre este lugar, o umbu e a continuidade de Lutzenberger após sua morte é reiterada no folder de apresentação da Fundação Gaia, onde se lê que “(seu) corpo renasce hoje no tronco, folhas e frutos dessa majestosa árvore, através da ciclagem dos nutrientes que outrora configuraram o seu ser, atraindo ainda uma diversidade de outros indivíduos de várias espécies”.

Os temas da morte e do renascimento, próprios ao discurso religioso, são mesclados com o discurso ecológico, conferindo ao criador do Rincão Gaia uma aura sagrada, que incorpora elementos da natureza e da paisagem na sua composição. A morte de Lutzenberger e sua presença simbólica no umbu que cresceu junto a sua sepultura constituem-se, assim, em um lugar especial de

trocas e sobreposições de significados e valores religiosos e ecológicos. Podemos observar, durante os cursos e as oficinas, ora um profundo silêncio, que arrebatava os seus participantes no momento em que se aproximavam deste lugar, ora um choro contido e disfarçado que se insinuava em suas faces. O clima descontraído e lúdico que envolvia o grupo dá lugar à introspecção e seriedade, semelhante ao que se pode observar em contextos de peregrinação, quando os peregrinos adentram o santuário ou o centro sagrado de devoção.

Neste sentido, é exemplar o comentário de Guilherme, participante do primeiro módulo de *educação ambiental para a cultura da paz*:

Um dos momentos mais bonitos da nossa estada no Rincão, para mim, foi o vale de silêncio que se formou quando chegamos ao local onde o Lutz foi enterrado... muito bonito mesmo... sem combinar... um silêncio acolhedor, natural, não combinado...¹¹

Na narrativa dos educadores ambientais, o umbu é a forma pela qual Lutzenberger se apresenta hoje aos vivos, renascido nesta árvore que evoca o encontro dos tropeiros no pampa, que costumam reunir-se à sua sombra para conversar e compartilhar a cuia de chimarrão. Uma experiência que, ao mesmo tempo em que conecta a experiência de educação ambiental com a tradição gaúcha, também a envolve num ritual que atualiza a memória dos mortos numa comunidade de conversação. Enfim, este ritual se apresenta como o ápice de um processo paulatino de transposição que se opera nos participantes de um espaço profano para o sagrado, criando um momento único de liminaridade que aguça a percepção e a sensibilidade. Esta atmosfera acaba envolvendo os próprios pesquisadores, como podemos ver no relato de campo de William, auxiliar de pesquisa, que sente a presença do próprio Lutzenberger no pássaro que canta no galho do umbu, no momento em o grupo se encontrava junto a sua sepultura.

O silêncio produzido pela paisagem em torno do umbuzeiro é preenchido pelos relatos dos educadores que trazem a memória de Lutzenberger. Neste sentido, ouvimos repetidas vezes no Rincão Gaia que, ainda em vida, ele havia dito que, ao morrer, queria ser reintegrado à terra. Por isso mesmo, seu corpo não deveria ser posto num túmulo de concreto, porque este dificultaria a sua absorção e integração com outros elementos orgânicos. Seu desejo, que foi cumprido pela família e pelos amigos que estiveram presentes no seu enterro, era o de que seu corpo fosse apenas coberto por um pano de algodão e depositado a cinco palmos da superfície. Assim, seu corpo serviria como matéria para outros corpos que habitam a terra, nutrindo outros seres da *sinfonia orgânica da vida*. Entre os seres que se nutrem de seu corpo, o umbu é o mais visível e emblemático, como um totem

do seu renascimento na paisagem, transfigurado numa árvore.

O relato de Marcos é exemplar entre os discursos que concorrem para reiterar esta aura sagrada em torno da sepultura de Lutzenberger, criando a sensação de que se trata de um *lugar à parte* dentro deste *paraíso ecológico*.

Lutz faleceu em 14 de maio de 2002 [...]. ‘Ele deixou dito para o dono da funerária de Pantano Grande e também deixou por escrito a forma pela qual ele queria que isso acontecesse. Ele fez um pedido que ele queria ser sepultado aqui, porque este era um lugar que gostava muito de vir. Ele vinha neste bosque para contemplar, para pensar em algumas coisas da vida. Ele disse, então, que queria ser sepultado somente envolto num tecido de algodão, sem caixão. E, isso nos faz pensar em algumas coisas. Lutz, até mesmo pensando na morte dele, pensava no processo de continuidade da vida. Ele dizia o seguinte: quantos milhões de pessoas morrem por ano no mundo? Consequentemente, quantos milhões de caixões a gente precisa? Quantos milhões de árvores são cortadas em decorrência da fabricação de caixões? O Lutz tinha uma visão linda da vida que nós, pessoas comuns, não temos’. (Marcos, módulo “Arte e ecologia”).

Sinfonia Orgânica da Vida¹² é uma das metáforas prediletas de Lutzenberger para pensar o processo da vida e da morte, em referência à teoria de Gaia. Para ele, a morte é superada na imanência orgânica da própria terra, que estabelece a integração entre tudo que vive e morre em seu corpo planetário. Mas, se este processo é comum a todos os organismos que habitam o planeta terra, ele se manifesta de forma exemplar na morte do fundador do Rincão Gaia. Assim, a narrativa do seu sepultamento se apresenta como uma hierofania, própria da linguagem religiosa, reservada às divindades, aos santos e às forças extraordinárias que irrompem no mundo em momentos axiais. No relato de um dos educadores ambientais, que testemunhou o sepultamento de Lutzenberger, o fantástico irrompeu nas terras do Rincão Gaia no dia 15 de maio de 2002.

Amanhecera um dia normal, com algumas nuvens no céu que ao fim da manhã já o envolviam completamente. O cortejo fúnebre a pé iniciara e Lutz repousava num caixão levado por uma pampinha antiga. Quando era sepultado, alguns pingos começaram a cair e na última pá de terra... um dilúvio. Uma tempestade pegou as pessoas de surpresa que ficaram molhadas dos pés à cabeça. Ventania, árvores caíram. Parecia que as coisas aconteciam ao nosso entorno e a nós só atingia a água da chuva. Algumas pessoas correram assustadas, mas a maioria permaneceu no sepultamento. Seguiram-se, à despedida poética de Lutzenberger, muitas interpretações. Uma sugerindo que o fenômeno acontece raramente e por isso, teria

sido a natureza se despedindo dele. Outra sugere que era o próprio Lutz, manifestando-se naquele adeus. As interpretações foram as mais variadas possíveis para aquele momento tão poético com o qual a gente foi brindado. (Marcos)

Quando Marcos terminara de dar o seu testemunho do sepultamento de Lutzenberger, uma pessoa do grupo reage prontamente, em voz suficientemente alta para ser ouvida por todos: “Como a natureza não ia se manifestar? O cara lutou pelo *planetinha* e agora estamos nós aqui nos despedindo dele”. E finaliza sua intervenção com um suspiro de profunda comoção, seguido por alguns segundos de silêncio, interrompido pelo canto das caturritas.

Ao leitor atento, não há como não perceber a aproximação do relato do sepultamento de Lutzenberger com o relato bíblico da morte de Jesus. A estrutura narrativa cristã se atualiza aqui, incorporando elementos do ideário ecológico. Uma aproximação que se dá no nível da estrutura, num processo inconsciente de identificação entre estes dois campos de práticas e crenças, que remete mais à sintaxe do que à semântica. Observa-se, assim, um processo subjacente ao discurso semiótico da ecologia, que opera como um *habitus* que tende a expressar as experiências vividas no campo ecológico, por meio das metáforas e figuras de linguagem de origem cristã. É neste sentido que reiteramos a importância do paradigma da corporeidade, na medida em que este chama a atenção para a dimensão cultural da experiência, de modo que, mesmo emergindo como um discurso autônomo e agnóstico, ao ser absorvido num ambiente cristão, a ecologia tende a ser vivida e a expressar-se desde o solo cultural que nos conforma como seres históricos.

5 RECONEXÃO, RELIGAÇÃO E CURA: UMA NOÇÃO ECOLÓGICA DE SAÚDE

Outro tema recorrente nos cursos e oficinas no Rincão Gaia é o da cura, que, ao mesmo tempo em que evoca o processo de regeneração da natureza e da paisagem do lugar, também remete para a cura dos corpos individuais dos participantes chamados a buscar a sua harmonização com o ambiente. Os educadores, na medida em que vão narrando as histórias de revitalização e cura do lugar, vão sugerindo práticas, atitudes e estilos pessoais a serem incorporados pelos participantes no seu cotidiano, que estejam em consonância com o processo que se realizou no ambiente. Neste contexto de prevalência de um pensamento holista, a cura dos indivíduos se apresenta indissociável da cura do ambiente, uma vez que estas duas dimensões – pessoal e ambiental – se fundem num único horizonte de conexão e interdependência entre todos os seres que habitam uma determinada paisagem. Assim, a

possibilidade de cura passa necessariamente pela crítica da perspectiva antropocêntrica e pela incorporação de uma visão simétrica que afirma a igualdade entre todos os seres. A conversão a esta visão, por sua vez, está ancorada na experiência de contato e proximidade com o ambiente saudável e regenerado do Rincão Gaia. Os cursos e oficinas tornam-se, assim, meios pelos quais os seus participantes vão aperfeiçoando a sua percepção das cores, das texturas das flores, das plantas, da água e dos animais enquanto seres em relação de igualdade e intimidade. O trecho citado em seguida traz, na fala de Tereza, esta dimensão da intimidade com a natureza, que é buscada pela atividade de educação ambiental entre os sujeitos humanos e os demais habitantes da paisagem.

Olha aqui pessoal, acreditando ou não acreditando, larguem todas as tralhas no chão, está bem? Vamos aproveitar esse momento para vocês voltarem hoje para Porto Alegre muito cheios de alegria e de poder! Olha, botem a mão e sintam a vibração dessa planta no centro da mão de vocês; fechem o olho, falem com ela, peçam essa proteção e essa energia. É um momento único, que a gente esqueceu de fazer isso, aproveitem agora; no silêncio de cada um, no jeito de cada um. Respirem profundamente e sintam profundamente o perfume que ela está nos mandando. (Tereza)

Os cursos e oficinas alcançam seu objetivo quando são capazes de proporcionar uma experiência de conexão simétrica entre os humanos e os não-humanos que interagem no ambiente. A relação almejada é a da intercorporeidade, de modo que o foco do olhar se desloca daquilo que demarca as diferenças dos seres humanos em relação aos demais seres que habitam o lugar, para as semelhanças que tornam a todos, humanos e não-humanos, compositores de uma mesma paisagem. Esta perspectiva é expressa pelos educadores ambientais como o ideal de um “igualitarismo ecológico”, que deve informar as práticas e os sentimentos dos ambientalistas. Neste sentido, Tereza, uma das educadoras do curso sobre plantas terapêuticas, advertia aos participantes que “é preciso desenvolver o cultivo de uma atenção para as *afinidades* entre todos os habitantes da paisagem”. Esta atenção vai permitir que se possa relacionar com os seres não-humanos como “amigos e amigas especiais” e ouvir o *chamado* das plantas, dos animais, das cores e das texturas, que convidam a uma comunicação entre humanos e não-humanos.¹³

As atividades de educação ambiental no Rincão Gaia proporcionam um conjunto de experiências que visam a desenvolver tanto a sensibilidade para a horizontalidade da presença dos seres não-humanos numa mesma rede de comunicação quanto para a individualidade e singularidade de cada um neste ambiente. Ainda que exista uma arquitetura de práticas conformando um horizonte de

experiências, cada pessoa experimenta as atividades de uma maneira específica.

A cada passo do grupo, Tereza achava nova planta com valores terapêuticos e aromáticos; reiniciávamos o processo de nomenclatura vulgar e científica, a retirada de um galho aqui outro ali para reconhecimento visual de todo grupo. Além do reconhecimento de nome, valores terapêuticos e aromáticos (Diário de campo, agosto de 2008).

A identificação com os seres que habitam a paisagem transcorre por meio de um processo de singularização que privilegia a relação direta dos corpos na paisagem, por meio de uma sensibilidade que enfatiza o entrelaçamento do humano com o mundo. Nas trilhas interpretativas, pudemos observar uma série de narrativas que visavam a propiciar uma experiência de “(re)encontro” do *self* com paisagem natural, que buscavam ressaltar a agência e o protagonismo da natureza na ação de recuperação da saúde do meio ambiente e dos indivíduos. As plantas que nascem espontaneamente são apontadas como parte de um processo autônomo da natureza, que busca no próprio solo os recursos curativos necessários para superar suas deficiências. Aqui e ali surgem uma carqueja, uma verbena, um boldo e alguns capuchinhos – todas *ervas medicinais e aromáticas* – que buscam restabelecer a saúde de um ambiente que está em permanente transformação. Neste sentido, as plantas medicinais são terapêuticas, primeiramente, para o ambiente no qual nascem, somente depois podem tornar-se terapêuticas para os humanos. Estabelece-se, assim, uma correspondência entre o sofrimento do ambiente e o sofrimento dos humanos, que aponta para uma conexão profunda e consubstancial entre todos os seres que habitam o mundo, numa relação de contiguidade entre os corpos humanos e a paisagem.¹⁴ Neste ambiente, que foi restaurado pelos múltiplos processos de autorrecuperação de Gaia, o “corpo humano ecológico” é nutrido por elementos que lhe propiciam saúde e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *The figure in the aboriginal landscape* (2006), um dos capítulos da coletânea *The anthropology of space and place*, Nancy Munn estabelece um contraste entre a experiência dos aborígenes australianos, sujeitos de seu texto, e a dos arquitetos e paisagistas que projetaram o Central Parque de Nova Iorque. Para a autora, em ambos os contextos, há uma relação a ser destacada entre as performances dos sujeitos presentes nestes espaços e a conformação da paisagem. Assim, se os aborígenes percebem a paisagem como parte constitutiva dos seus mitos e condição para a realização dos seus rituais, os modernos habitantes nova-iorquinos e os seus visitantes

encontram na arquitetura do Central Parque o cenário em que é possível posicionar-se como atores, deixando-se ser “afetados pela influência poética de certas qualidades das cenas que têm o poder de agir nos estados íntimos das pessoas (*of being or mind*), e tornar a vida ‘saudável e feliz’ na cidade” (MUNN, 2006, p. 102). Esta mesma virtualidade e agência da paisagem pudemos observar no processo de educação ambiental nas experiências que analisamos ao longo deste texto. Como buscamos demonstrar, o Rincão Gaia, pela sua *topografia cênica*, constitui-se numa paisagem privilegiada onde uma determinada cultura ecológica vem sendo disseminada pelos cursos e oficinas de educação ambiental, assim como pelas atividades turísticas que são realizadas no local por meio de visitas guiadas. A consolidação e reprodução de um *habitus ecológico*, finalidades explícitas da educação ambiental, são potencializadas pela imersão dos participantes dos cursos e oficinas e pelos visitantes na paisagem local.

É esta condição de paisagem ecológica restaurada que imprime no Rincão Gaia uma força capaz de afetar a intimidade dos sujeitos que o procuram como lugar de conversão ou confirmação de convicções compartilhadas por certo ideário do movimento ambiental. Estar no Rincão Gaia proporciona uma experiência de comunhão com uma paisagem local e remete os sujeitos a uma dimensão global e planetária. Os marcadores físicos presentes na paisagem e os sentidos reiterados nas narrativas dos educadores ambientais e nos textos de divulgação turística tornam o Rincão Gaia um lugar privilegiado de corporeificação de uma certa cultura ecológica. Cultura esta que abarca valores, sentimentos, visões de mundo e experiências pessoais e coletivas em que os sentidos da ecologia, como vimos no decorrer deste texto, se imbricam com os sentidos da espiritualidade e da saúde.

Se na formulação do Central Parque, proposta por Nancy Munn, “a potência da paisagem está concentrada nas qualidades transferíveis que podem se deslocar de suas superfícies visíveis para a intimidade dos atores” (MUNN, 2006, p. 102), podemos afirmar que no Rincão Gaia há uma potencialidade que reside na sua capacidade de energizar as pessoas por meio da imersão dos seus visitantes num ambiente ecologicamente restaurado. A intenção do seu criador se atualiza tanto na paisagem, que guarda a memória de sua ação neste ambiente, quanto nas falas e ditos sobre o local. Os participantes dos cursos e oficinas e os visitantes não são convidados apenas a contemplar uma paisagem agradável e bonita, mas a se integrar nela, deixando que as qualidades que emergem de sua natureza, ou que lhe foram impressas pela ação humana, sejam experimentadas de uma forma corporal e íntima. Enfim, as atividades no Rincão Gaia poderiam ser compreendidas a partir do conceito de *modos somáticos*

de atenção, que Csordas expressa como “maneiras culturalmente elaboradas de se estar atento *a e com* o corpo em ambientes que incluem a presença corporificada de outros” (CSORDAS, 2008, p. 372). Contudo, acreditamos que há uma especificidade na noção de corporeidade nas práticas ecológicas, a de que a sua abrangência se estende para a paisagem, incluindo na intercorporeidade não somente os humanos, mas também os demais seres que habitam o mundo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, María Julia. (Org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CAROZZI, María Julia. Definiciones de la New Age desde las Ciencias Sociales. **Boletín de Lecturas Sociales y Económicas**, UCA. FCSE, año 2, n. 5, 1995.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- _____. Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: LEFF, Enrique. (Org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo, Blumenau, 2003. p. 99-120.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado – aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambient. Soc.** [online], v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. **Horizontes Antropológicos**, v. 7, n. 15, p. 57-106, jul 2001.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/Cura/Significado**. Editora da UFRGS, 2008.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment**. Essays in livelihood, dwelling and skill. London/New York: Routledge, 2000.
- _____. Jornada ao longo de um caminho de vida. **Religião e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 76-111, 2005.
- LOVELOCK, James. **Gaia – A new look at Life on Earth**. Oxford University Press, Oxford, 1979.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.
- _____. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MUNN, Nancy. Excluded Spaces: The figure in the Australian Aboriginal Landscape. In: SETHA; LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA, D. **The anthropology of space and place**. Oxford, 2006, p. 96-109.

PASTORI, Érica Onzi. **Uma cicatriz em GAIA** – religiosidade e cura numa paisagem ecológica. (Monografia de conclusão de curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: SOARES, L. E. (ed.). **O rigor da disciplina**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

TASSARA, Eda. (Org.). **Dicionário socioambiental: idéias, definições e conceitos**. São Paulo, Faarte, 2008.

NOTAS

¹ A hipótese Gaia do cientista britânico James Lovelock é uma relevante força motriz desse lugar, explicitada durante as trilhas interpretativas transcorridas nas atividades vivenciadas no Rincão. James Lovelock buscou na mitologia grega a deusa terra *Gaia* para nomear sua hipótese científica. Na sua teoria Gaia passa a designar um *sistema hipotético* que sustentaria o equilíbrio do nosso planeta. Lovelock criou este conceito quando investigava a possibilidade de existência de vida em outros planetas, ao trabalhar na NASA nos anos de 1960. Concluiu a partir de seus estudos que a vida não pode ser dissociada do planeta Terra e, nesse percurso, Gaia toma as feições de uma entidade capaz de se autorregular e de manter a superfície da Terra num estado propício à sustentação e à continuação da vida. Alguns elementos podem ajudar na compreensão dos motivos de no Rio Grande do Sul ter nascido um lugar inspirado na hipótese Gaia. A biógrafa Lillian Dreyer (2004) afirma em *Sinfonia Inacabada* que José Lutzenberger era amigo de Lovelock na época em que iniciou o projeto de restauração da pedreira desativada em Pantano Grande, o projeto chamado Rincão Gaia. É no ano de 1987 que Lutzenberger inicia o Rincão e também publica o livro *Gaia, o Planeta Vivo*. Já em 1988, o ecologista recebe o Prêmio Nobel Alternativo, garantindo um montante para levar à frente o seu projeto.

² Este projeto de pesquisa é coordenado pelo antropólogo Carlos Alberto Steil (UFRGS) e pela psicóloga Isabel C. M. Carvalho (PUCRS). Contou com financiamento do CNPq, por meio do Edital Universal de Apoio à Pesquisa. Érica Pastori, estudante de graduação em ciências sociais da UFRGS, acompanhou sistematicamente, sob a orientação dos coordenadores da pesquisa, as atividades no Rincão Gaia, participando do curso “Educação ambiental: Construindo a Cultura da Paz”, subdividido em três módulos, realizados nos meses de abril, julho e setembro de 2008; da “Oficina de Ervas Medicinais e Aromáticas”, em 2008; e do Curso de Culinária Vitalizante e Ecológica, em 2009. Concluiu seu trabalho com a monografia **Uma cicatriz em GAIA** – religiosidade e cura numa paisagem ecológica, disponível na biblioteca virtual da UFRGS.

³ Um momento emblemático que mostra a sua posição diante de terapêuticas ligadas a tradições religiosas foi vivido quando acompanhamos a visita do antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão ao Rincão Gaia em 2000. Lutzenberger nos recebe prontamente e nos convida para almoçar numa churrasceria próxima ao Rincão. No entanto, se desculpa e nos pede que o aguardemos por cerca de uns 40 minutos, pois ele teria ainda que passar por uma sessão de medicina Ayurvedica. Ocorrerá que um visitante inglês, que esteve no Rincão, sensibilizado com seu estado de saúde, enviou como presente um especialista indiano em medicina Ayurvedica para atendê-lo no Rincão Gaia. Lutzenberger explicitou seu constrangimento, pois não podia recusar o presente, mas ao mesmo tempo não gostava dos rituais dos procedimentos a que tinha que se submeter a contragosto, para ser gentil. Carlos Brandão estava entusiasmado com a oportunidade rara de conhecer um terapeuta indiano “autêntico” e comentava sobre a sabedoria milenar desta medicina. Lutzenberger, por sua vez, com seu jeito franco e prático, deixava claro seu desgosto com tais procedimentos que envolviam assopros e saliva do terapeuta sobre ele. Após a sessão de terapia, fomos todos ao restaurante e passamos horas agradáveis de boa conversa. Enquanto Lutzenberger e nós saboreávamos um bom churrasco, Brandão evitava a carne.

⁴ Isabel Carvalho (2003:99) destaca o caráter explicativo predominante nas trilhas interpretativas, nas quais o educador transmite informações do ambiente natural onde se está imerso. “Neste caso, costumam ter um grande peso os conhecimentos oriundos da biologia sobre o funcionamento dos ecossistemas, a composição dos diversos elementos da natureza e suas interações”. As trilhas interpretativas, portanto, “ilustram muito adequadamente o horizonte epistemológico de grande parte da educação ambiental contemporânea, fortemente marcada pela tradição explicativa das ciências naturais”.

⁵ Permacultura é o nome cunhado, em 1972, pelo australiano Bill Mollison, que vive na Tasmânia e cujo trabalho foi agraciado com o prêmio “Senior Australian of the Year 2010”. Mollison possui um site (www.tagari.com) onde apresenta a permacultura como: “uma ciência desenvolvida através da observação e análise dos sistemas naturais. Esta análise permite definir padrões estruturais comuns a todos os sistemas naturais. O chamado *design de permacultura*, busca aplicar aplica esses padrões naturais para o desenvolvimento sustentável dos assentamentos humanos, integrando harmoniosamente a paisagem e as pessoas ao fornecer alimentos, energia, abrigo e outras necessidades materiais e não materiais de uma forma sustentável” (tradução nossa). Segundo Tassara (2008), permacultura é a contração das palavras permanente e agricultura e consiste num conjunto de conceitos e propostas que busca a criação de ambientes humanos produtivos por meio de sistemas ecologicamente sustentáveis e economicamente viáveis. Destaca que “mais do que uma maneira de produzir bens e produtos sem destruir o ambiente a permacultura propõe, entre outras coisas, um novo estilo de vida, o uso dos recursos de forma ética e comedida, o cuidado com as pessoas, a construção de relações humanas mais saudáveis e formas mais racionais de distribuição de energia” (Tassara, 2008: 146).

⁶ A permacultura para o arquiteto Lucas é o de ser uma ferramenta holística. Segue, portanto, o princípio de que tudo está inter-relacionado. A atividade proposta ao grupo foi a construção de uma espiral de ervas ao lado do sombrite das plantas carnívoras. Segundo Elisa e Lucas, construir um canteiro ou uma horta através da técnica da espiral tem a vantagem de aproveitar muito mais o espaço, forma micro-climas dentro do canteiro e por isso podem ser plantadas diferentes espécies de ervas, flores, temperos. (Trecho de diário de campo de 12 e 13 de abril de 2008)

⁷ As cactáceas diferem das suculentas pelos espinhos que são características das primeiras e se encontram ausentes nas suculentas.

⁸ Sobre a contraposição interno e externo no ideário ecológico, é interessante observar certa tensão reiterada em diversas situações ambientais entre agentes nativos/internos/ameaçados versus agentes externos e exóticos e desagregadores. A este respeito ver o excelente artigo de Comaroff, Jean and Comaroff, John L. “Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial” sobre as relações simbólicas estabelecidas entre os incêndios na cidade do Cabo e sua atribuição às plantas exóticas na mata nativa, bem como a sobreposição desta interpretação da ecologia do local com o estrangeiro no ideário pós-colonial. No caso do Rincão Gaia, seria interessante pensar este tensionamento que posiciona o Rincão como uma ilha ecológica ameaçada pelo meio externo, um mar de monocultura convencional de soja, ou a antítese dos ideais sociais e ambientais do ecologismo.

⁹ Trabalho de mestrado desenvolvido na USP intitulado *Mystica Urbe – Um Estudo sobre o circuito neoesotérico na metrópole*.

¹⁰ “O umbu é uma árvore típica do RS, porém também encontrada em outras regiões. Ela tem várias características, uma delas é de que ela cresce e se desenvolve fazendo sombra e proporcionando um clima para o desenvolvimento de outras plantas no seu entorno. É uma árvore centenária, assim como a figueira, o tronco dela é grande e ela servia de abrigo pros tropeiros, para os imigrantes que se deslocavam de um lado para o outro e que se abrigavam na sua sombra. A madeira do umbu é muito esponjosa, então ela não serve como madeira de consumo, e também outra característica do umbu é que ela é uma árvore muito resistente: por mais que ela caia, por mais que ela quebre, que ela sofra com as intempéries ou com as agressões, ela sempre vai rebrotar, é uma árvore muito resistente nesse sentido.” (Fala do monitor Marcos na visita à sepultura).

¹¹ Músico, 26 anos. Foi ao Rincão Gaia, acompanhado de três amigos. Esta fala de Guilherme foi posterior a sua estada no Rincão Gaia, manifestada em conversa por e-mail.

¹² Segundo Lillian Dreyer, em sua biografia de Lutzenberger, “Sinfonia Inacabada”, Gaia foi expressa por ele por meio da metáfora musical de uma sinfonia da evolução da vida, na qual o ser humano teria perdido a sensibilidade e por isso estaria produzindo múltiplas cacofonias, tornando-se necessário que o emissor destes maus sons passe por um reaprendizado. Afinal, perdeu a afinação com o transcorrer do concerto.

¹³ O tema da comunicação com as plantas e com os animais apareceu durante o período do campo no Rincão Gaia também nos outros campos e observações da pesquisa. Tanto no Centro Budista de Viamão houve uma palestra sobre comunicação com as plantas por uma ecologista quanto na cidade de Porto Alegre assistimos a uma conferência promovida pela Associação de Proteção aos Animais. Neste evento, que lotou um dos auditórios do Centro Cultural Mario Quintana, numa noite de 4ª feira, uma veterinária apresentou sua experiência transcendental de comunicação com os animais.

¹⁴ “Se o corpo é a forma pela qual uma criatura apresenta-se como um ser-no-mundo, então o mundo apresenta-se ele mesmo em forma de paisagem. Como organismo e ambiente, corpo e paisagem são termos complementares: um implica o outro, alternadamente como figura e fundo” (INGOLD 2000, p. 193).